

TEMAS PARA OS PRÓXIMOS NÚMEROS

ENCÍCLICA *DEUS CARITAS EST*

CIDADANIA E MAL-ESTAR

A CAUSA DA VIDA

CELEBRAÇÕES E REENCONTROS:

W. A. MOZART E R. SCHUMANN,

MAX WEBER E RAYMOND ARON,

FREUD E MOUNIER,

IBSEN E BECKETT

PREÇO: 15 €

IVA INCLUÍDO

ISSN: 1645-8788

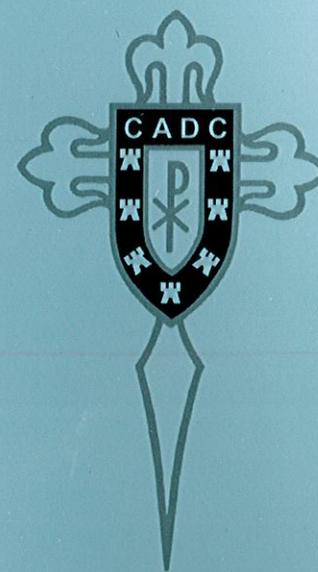
COIMBRA 2005

ESTUDOS — CADC

NOVA SÉRIE N.º 5

# ESTUDOS

REVISTA DO CENTRO ACADÉMICO DE DEMOCRACIA CRISTÃ



IGREJA E ESTADO EM PORTUGAL: A “CRISE DOS SINOS”

CONCÍLIO VATICANO II

A MULHER NA IGREJA E NO MUNDO

CRISTIANISMO E EUROPA

HANS URS VON BALTHASAR, TEILHARD DE CHARDIN, IRMÃO ROGE

TOCQUEVILLE, ORTEGA Y GASSET, EGAS MONIZ

SCHILLER, BOCAGE, CLAUDEL

ARTES

CADC NA HISTÓRIA

NOVA SÉRIE N.º 5

COIMBRA | DEZEMBRO 2005



10  
31  
19  
1

# ESTUDOS

Revista do CADC

Nova Série 5

ESTUDOS  
REVISTA DO CENTRO ACADÉMICO DE DEMOCRACIA CRISTÃ  
NOVA SÉRIE

REVISTA SEMESTRAL

DIRECTOR  
José Carlos Seabra Pereira  
(presidente@cadc.pt)

DIRECTORES ADJUNTOS  
António Manuel R. Rebelo  
João Carlos Loureiro

CONSELHO DE REDACÇÃO  
Alexandre Pinto  
Isaías A. Hipólito  
Jairzinho Lopes Pereira  
Joana Brites

ICS | 124 425

EDIÇÃO E PROPRIEDADE  
Centro Académico de Democracia Cristã  
(CADC)  
<http://www.cadc.pt>  
cadc@cadc.pt

NIC | 506 636 690

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Couraça de Lisboa, 30  
Apartado 3024  
3001-401 Coimbra

CORREIO ELECTRÓNICO | estudos@cadc.pt

TELEFONE | 239 822 483

FAX | 239 841 585

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
Gráfica de Coimbra

Julho-Dezembro de 2005

TIRAGEM  
1000 exemplares

NÚMERO AVULSO 15 €  
ASSINATURA ANUAL | (2006) 20 €  
ASSINATURA DE ESTUDANTE 10 €  
ASSINATURA DE APOIO 30 €

ISSN | 1645-8788

DEPÓSITO LEGAL | 204341/03

Agradecimento à colaboração prestada pela SOPORCEL.

ÍNDICE

EDITORIAL – José Carlos Seabra Pereira .....	7
EM LOUVOR DA PADROEIRA DO CADC	
SONETO E CANTATA – Manuel Maria Barbosa du Bocage .....	13
O CULTO DA VIRGEM MÃE NA PINTURA E ESCULTURA – Dom Albino Mamede Cleto .....	17
CRIAÇÃO LITERÁRIA E SENTIDO TEOLÓGICO NO <i>AUTO DA COMPADECIDA</i> – João de Oliveira Lopes .....	25
NO ANO DA EUCARISTIA	
NA DEDICAÇÃO DO ALTAR DA CATEDRAL – Dom Joaquim Gonçalves .....	35
O MAIS EUCARÍSTICO DOS HINOS: O <i>PANGUE LINGUA</i> DE S. TOMÁS DE AQUINO – António Manuel R. Rebelo .....	41
CONCÍLIO VATICANO II	
PRESENÇA NO VATICANO II – Dom Eurico Dias Nogueira .....	51
O CONCÍLIO VATICANO II REFLECTIDO NA REVISTA <i>ESTUDOS</i> – Pe. João Lavrador .....	57
CONCÍLIO VATICANO II: UMA PERSPECTIVA SOBRE A MODERNIDADE – Arnaldo de Pinho .....	71
O CONCÍLIO VATICANO II E A MÚSICA SACRA: 40 ANOS DEPOIS – Pe. Pedro Miranda .....	79
A UNIDADE DA IGREJA, O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO À LUZ DO CONCÍLIO VATI- CANO II – Jairzinho Lopes Pereira .....	91
A MULHER NA IGREJA E NO MUNDO, HOJE	
A DIGNIDADE E A VOCAÇÃO DA MULHER – Pe. João Lavrador .....	123
O HOMEM E A MULHER NA FAMÍLIA NA SOCIEDADE E NA POLÍTICA – Janne Haaland Matlary ...	129
CONTINUIDADE E PROGRESSO EM RELAÇÃO À « <i>MULIERIS DIGNITATEM</i> » – Jutta Burgraff .....	139
CONDIÇÃO DA MULHER E DESÍGNIO DE DEUS – À LUZ DO MAGISTÉRIO DE JOÃO PAULO II – Maria José Nogueira Pinto .....	147
SER MULHER, DIREITO E CRISTIANISMO – Rita Lobo Xavier .....	159
A MULHER CRISTÃ NO MUNDO DE HOJE – Mary Anne Stilwell d’Avillez .....	165

## CRISTIANISMO E EUROPA

O FUTURO DA UNIÃO EUROPEIA E A RESPONSABILIDADE DOS CATÓLICOS – COMECE .....	175
OS SANTOS PADROEIROS DA EUROPA E A NOVA EVANGELIZAÇÃO – Miguel Gorjão-Henriques .....	215

## EFEMÉRIDES E RECONHECIMENTOS

ESTADOS ESTÉTICOS E OUTROS ESTADOS. SOBRE A ACTUALIDADE DE FRIEDRICH SCHILLER – Hoist Turk .....	235
A EXIGÊNCIA DE TOCQUEVILLE: A «CIÊNCIA POLÍTICA NOVA» – Raymond Boudon .....	251
DISTÂNCIA E PROXIMIDADE DE PAUL CLAUDEL – Pierre Jourdan .....	267
JOSÉ ORTEGA Y GASSET PERANTE A OBRA-PRIMA DE CERVANTES: O <i>QUIJOTE</i> OU A VIDA EM ABERTO – Margarida Isaura Almeida Amoedo .....	275
A MUNDIVIDÊNCIA DE TEILHARD DE CHARDIN E A EDUCAÇÃO – Luís Sebastião .....	283
EGAS MONIZ (1874-1955), MARINHEIRO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA. PRÉMIO NOBEL DE MEDICINA E FISIOLÓGIA, 1949 – Ana Leonor Pereira e João Rui Pita .....	331
HANS URS VON BALTHASAR: NOTAS BIBLIOGRÁFICAS NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO – João Carlos Loureiro .....	347
ENCONTROS COM HANS URS VON BALTHASAR .....	363
DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II .....	379
MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO INTERNACIONAL NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO TEÓLOGO HANS URS VON BALTHASAR .....	385
HANS URS VON BALTHASAR – Maria Manuela Dias de Carvalho .....	389

## VIDA DA IGREJA

PARTICIPAÇÃO E SOLIDARIEDADE À LUZ DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA (A PROPÓSITO DAS SEMANAS SOCIAIS PORTUGUESAS DE 2006) – Manuel Lopes Porto .....	409
NO CORAÇÃO DO <i>MISTÉRIO DA FÉ</i> COM O PAPA BENTO XVI – UM OLHAR PELA HISTÓRIA... (CONTEXTUALIZANDO AS JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE) – Pe. Luís Miranda .....	417
CARTA POR ACABAR – Irmão Roger, de Taizé .....	435
UM REFLEXO DO PAI ETERNO E DA UNIVERSALIDADE DO SEU AMOR – Cardeal Walter Kasper ...	441
TAIZÉ, UMA PARÁBOLA DA COMUNHÃO QUE É A IGREJA – António José Monteiro .....	443
CRISTÃOS CRIADORES, CONSTRUTORES DE UM FUTURO DE PAZ – Alexandra Augusto e Óscar Miguel Vale Leitão .....	447
A LIÇÃO DA RECONCILIAÇÃO E DO PERDÃO – Rita Cardoso, André Ventura e Ana Teresa Machado .....	453

## ESCRITOS

A VOZ DOS SINOS: O «DIÁRIO» DE MÁRIO DE FIGUEIREDO SOBRE A CRISE POLÍTICA DE 1929 – Rita Almeida de Carvalho e António de Araújo .....	459
SILÊNCIO NO ESPAÇO PÚBLICO? (ALGUMAS NOTAS SOBRE RELIGIÃO, ESFERA PÚBLICA E CONSTITUIÇÃO) – João Carlos Loureiro .....	491
DIREITOS E DEVERES DOS DOENTES – H. Vilaça Ramos .....	515

## ARTES

O «LOUREIRO FULMINADO» (VIVÊNCIA, DESAFOGO E AURA MÍTICA EM BOCAGE) – José Carlos Seabra Pereira .....	529
<i>FAUSTO</i> DE FERNANDO PESSOA – O POEMA DAS IMPOSSIBILIDADES – MÓNICA ŚWIDA .....	547
A MISSA SOLENE EM HONRA DE N.S. DE FÁTIMA NA OBRA DE MANUEL FARIA (1916-1983) – Jorge Alves Barbosa .....	565
JOSÉ RÉGIO: ERRÂNCIAS DE UM MÍSTICO INSURRECTO – Susana Rabaça .....	577
O TEMPO E OS LUGARES NA NARRATIVA BREVE DE ANTÓNIO DE SÈVES (1895-1970) – Martim de Gouveia e Sousa .....	609

## CADC NA HISTÓRIA

O DIÁLOGO IGREJA/MUNDO NA REVISTA «ESTUDOS SOCIAES» – Pinharanda Gomes .....	619
O CADC NA TRANSIÇÃO PARA A SEGUNDA GERAÇÃO (I) – Isaias Hipólito .....	639

## EDITORIAL

1. Um dos autores que sempre foram lidos no CADC, o grande dramaturgo Paul Claudel que neste número dos *Estudos* reencontramos cinquenta anos após a sua morte, proclamava que «tudo o que acontece é parábola». Assim é para a visão do entendimento guiada pelo Amor cristão ao esplendor da Verdade.

Por isso, o CADC e os *Estudos* tentam edificar(-se) nessa visão cristã do acontecer no mundo; e, tal como o grande poeta das *Cinq Grandes Odes* – sem termos como ele a força pneumática da linguagem contra a desesperada anomia e contra a capitulação espiritual, mas vivendo a mesma crença como atitude que dirige o curso da experiência –, tentamos contribuir para a reconstrução de uma estrutura de horizonte na mentalidade contemporânea e no conseqüente agir dos intelectuais dos nossos dias. Aliás, coevo de Claudel, Fernando Pessoa viu e experimentou a alternativa «sem a escada de Jacob»: à margem do niilismo transcendental e do jogo compensatório do discurso, resta a amarga intuição da «anônima viuvez» dos seres que corresponde ao canto inconsciente da ceifeira...

Sem a pretensão egótica que Victor Hugo arvorava de ser «uma força que avança», queremos no entanto seguir a lição dos que, como Claudel, se cumprem em coerência com os sinais da força do Amor cristão ao esplendor da Verdade e se empenham em que essa força avance no nosso mundo

Essa é a nossa missão de testemunhar Cristo nos debates da inteligência e da cultura. Nela nos sentimos mais investidos e reconfortados neste período do Advento, onde entrámos sob o signo do legado do pensamento de João Paulo II – tema de extraordinário ciclo de colóquios que o CADC promoveu em Coimbra, Lisboa, Porto e Braga – e que atravessámos sob o anúncio da primeira encíclica de Bento XVI (na sequência, parece, do seu pensamento sobre a coincidência de razão criadora e amor na *religio vera* que é o Cristianismo, tal como o demos a conhecer no precedente número desta revista).

Contextualizada, essa missão não se compadece com o tropismo de *positive endorsement* perante as tendências sócio-culturais (e, logo, éticas, axiológicas, ideológicas) que à nossa volta emergem ou imperam. Já Tocqueville, o grande nome do pensamento político e sociológico cujo centenário assinalamos nos *Estudos*, denunciava, na sua perspectiva própria, esse vício de *positive endorsement*. Nós temos acrescidas razões para uma reacção cristã a falaciosas formas de pensar e a malsãs formas de viver que cativam (no duplo sentido

figurado por Sá de Miranda: que seduzem e que aprisionam) a opinião pública e envenenam a existência comunitária. É a nossa própria liberdade de homens criados à imagem e semelhança de Deus que nos responsabiliza contra o neutralismo axiológico e o relativismo moral, que nos constitui em arautos do fundamento antropológico dos valores cristãos contra as redutoras extrapolações de determinismo biológico e contra as falaciosas explicações de construtivismo sócio-cultural (tão bem enfrentadas neste número dos *Estudos*, por exemplo, no *dossier* sobre a condição da mulher).

Certos de que nenhum projecto de sociedade poderá alguma vez estabelecer a perfeição escatológica na Terra, mas convictos do vínculo intrínseco entre o dinamismo da Fé e o empenhamento na Cidade, queremos – como adiante orienta, para a Europa, o notável documento emanado da Comissão das Conferências Episcopais da Comunidade Europeia – dar valor, no plano cívico, ao que já foi realizado e agir, numa partilha de dons culturais e espirituais, para melhorar a sociedade.

2. Não nos faltam companheiros de jornada. Podem é certo, alguns cronistas e *opinion makers* obstinar-se na suposta constatação do deserto de ideias católico ou da deserção agnóstica dos homens de ciência e cultura. Não podem, porém, obnubilar a evidência de que, graças a Deus, os tempos são outros – tempos de pujante reflexão e produção cristãs nos domínios da filosofia e da teologia, da epistemologia e da antropologia, da axiologia e da ética, das ciências da vida e das ciências sociais, etc. Para mais, um diálogo intergeracional fecunda este novo surto de pensamento cristão e o conseqüente reforço da opinião cristã. E, sempre sob o signo das luzes amorosas do Espírito, nem falta a alegria do progressivo reencontro para além dos descaminhos do terceiro quartel do século XX: cada vez mais a todos nós se aplica certo poema de Fernando Echevarría (“Prémio de Cultura Manuel Antunes” de 2005): «Andaram por fora. Tinham / o ar de quem sempre andara / à procura distraída / do que trouxera de casa. / Arvoravam tensa ira. / A súbita luz da espada / vibrava no pulso ainda. / Embora já se lhes abra / a paz, copiosa e íntima. / Estão a chegar a casa.»

Assim, estamos mais preparados para tudo recapitular em Cristo, a começar pela convicção (com base antropológica e constituição fenomenológica) da conaturalidade do religioso no Homem – que pede uma transcendência absoluta pela consciência da sua própria finitude e contingência e vê a existência como resposta a uma chamada misteriosa.

Assim, estamos mais preparados para prosseguir a nossa *sequela Christi*, à luz do exemplo daqueles que, como os santos da Europa de que nos evoca Miguel Gorjão-Henriques, não defraudaram a esperança que está no coração de Deus (como advertia Péguy) e à luz da obra de mestres como Hans Urs von

Balthasar, cujo centenário celebramos: «Cristo é a teologia de Deus» e a «A Fé [em Cristo] é o órgão da compreensão», inclusive dos «aspectos estéticos da Revelação».

Assim, estamos mais preparados para cultivar com discernimento o convívio com outros mestres, como Teilhard de Chardin que revisitamos no cinquentenário do seu desaparecimento: também os nossos dias precisam do seu optimismo, confiante no «progresso das coisas» mas consciente de que o mal e o pecado acompanham «fatalmente os esforços de progresso».

Cientes dos riscos que comporta e dos equívocos que favorece a transposição teilhardiana de categorias científicas para o plano filosófico e teológico, prudentes perante as implicações da visão do «Cristo cósmico», também nós queremos partilhar da «forte intuição poética acerca do profundo valor da natureza» e da «compreensão do dinamismo da criação», que no P.<sup>e</sup> Teilhard de Chardin convergiam, como sublinhou um dia o Cardeal Casaroli, «num incontestável fervor religioso».

Assim se define a nossa estrutura de horizonte, onde virtuosamente se hão-de inserir a teologia orante do «Mosteiro invisível» (Paul Couturier») e a «violência dos pacíficos» (Irmão Roger), as iluminações que colhemos tanto da celebração do Ano da Eucaristia como da cruenta morte do construtor de Taizé, as orientações que retiramos tanto do Magistério hierárquico como das Jornadas Mundiais da Juventude, as intervenções da ética em domínios sociais (como agora, com H. Vilaça Ramos, ponderamos para a acção médica) e os rumos artísticos que propugnamos (como agora, com Jorge Barbosa, para a música sacra e, com outros, para a literatura).

Assim contribuimos também, nos *Estudos* e no CADC, para que os estudantes se preparem, em simultâneo, para alcançar boa formação científica em ordem a eficaz habilitação profissional e realizar com plena responsabilidade cristã.

*José Carlos Seabra Pereira*

familiarizar-se com o seu pensamento. Poder-se-á ler igualmente *Catholique*, publicada pela mesma editora. Para aqueles que gostariam de ler uma obra mais densa e de maior envergadura, *La gloire et la Croix* [A Glória e a Cruz]<sup>7</sup>, em cinco volumes, publicados pela casa Aubier, proporcionar-lhes-á uma leitura interessante.

colectivas; 71 traduções (entre as quais se encontram, entre outras, traduções de Agostinho, de Orígenes, de Máximo Confessor, de Gregório de Nisa, de Guillaume de Saint-Thierry, de Charles Péguy, de Paul Claudel, de Georges Bernanos, de François Mauriac, de Maurice Blondel, de Jean Mouroux, de Pierre Teilhard de Chardin, de Louis Bouyer, de Henri de Lubac, de Yves Raguin, de Madeleine Delbrêl); 12 publicações de extractos selectos (de Goethe, Novalis, Nietzsche, Brentano, etc.); 96 introduções e notas às obras de autores diversos, em especial às obras de Adrienne von Speyr; 40 recensões; e numerosas colectâneas publicadas pelos bons serviços da sua própria casa editorial, a Johannesverlag, entre as quais se encontram 41 volumes de Adrienne von Speyr. O próprio Balthasar se encarrega de publicar a obra de von Speyr, uma vez que, para ele, a obra de Adrienne von Speyr é mais importante do que a sua própria obra. Cf. Berthe Widmer e Cornelia Capol, «Bibliografia di tutte le pubblicazioni di Hans Urs von Balthasar», pp. 63 a 156, em: Hans Urs von Balthasar, *Il filo di Arianna attraverso la mia opera*, Milan, Jaca Book, 1980, 156 páginas.

<sup>7</sup> Depois desta entrevista, foram publicados outros três volumes de *La Gloire et la Croix*. Estes volumes constituem a 'Estética' da obra de Balthasar; estão agrupados sob o título: *Les aspects esthétiques de la Révélation*. E anunciava-se para Setembro de 1984 a tradução do primeiro volume da 'Théodramatique', com o título: *La dramatique divine*. Tome 1. *Prolégomènes* (Paris, Lethielleux, 1984, «Horizon», n.º 12).

DISCURSO DE JOÃO PAULO II  
POR OCASIÃO DA ENTREGA  
DO "PRÉMIO INTERNACIONAL PAULO VI"  
A HANS URS VON BALTHASAR\*

Sábado, 23 de Junho de 1984

Caríssimos irmãos e irmãs:

1. Sinto-me verdadeiramente contente por vos poder acolher e saudar em nome do Senhor. "Graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo" (2 Ts 1, 2). Com o ânimo em festa, repito estas palavras de São Paulo a cada um de vós, que participais neste significativo encontro, que pretende honrar a cultura religiosa, através da entrega de um prémio a quem, com a sua obra, deu a tal cultura um contributo de relevo, notável e reconhecido.

Encontramo-nos, nesta solenidade de S. João Baptista, perante a memória do meu inesquecível antecessor Paulo VI, a quem, desde o início do serviço como pastor da Igreja universal, sempre gostei de chamar "o meu verdadeiro pai" (João Paulo PP. II, *Redemptor Hominis*, 4) para indicar publicamente o profundo afecto que me liga à sua memória. O nosso pensamento, neste momento, conduz-nos a ele e aos anos do seu pontificado, com sentimentos inalterados de admiração e de gratidão por tudo quanto fez na condução da mística barca de Pedro.

2. Antes de mais, desejo dirigir uma palavra de apreço pela iniciativa e de sincero aplauso ao Instituto "Paulo VI", que a diocese de Brescia, em boa hora, promoveu para honrar de modo original o mais digno dos seus filhos. Quando, a 26 de Setembro de 1982, tive a alegria de visitar a terra natal de João Baptista Montini, exprimi o desejo de que o Instituto fosse "sempre instrumento de verdade e de amor pela Igreja" (Idem, *Allocutio occasione oblata inaugurationis*

\* Tradução da versão italiana por Manuel Ferro.

“Istituto Paulo VI” in urbe Brixiensi habita, 2, die 26 spt. 1982: *Ensinamentos de João Paulo II*, V/3 [1982] 588). Gostaria de voltar a repetir hoje este desejo, enquanto agradeço ao caro irmão Monsenhor Bruno Foresti, bispo de Brescia, pelos sentimentos expressos em nome de todos.

A iniciativa de um prémio internacional dedicado a Paulo VI para atribuir “periodicamente a uma pessoa ou a uma instituição, cuja obra tenha contribuído de modo relevante para o desenvolvimento da investigação e do conhecimento religioso” (Regulamento do prémio “Paulo VI”, art. 1) vem na feliz sequência de outras mais que o Instituto já realizou. Ela liga de forma sugestiva e permanente o nome de Paulo VI a uma das mais empenhadas causas humanas – a do conhecimento religioso – que, ao longo de toda a vida, esteve no centro dos seus interesses e da sua solicitude pastoral. Desejo do coração que também a iniciativa do prémio permaneça sempre como um meio ao serviço da verdade e da Igreja.

Ao Professor Hans Urs von Balthasar apresento as minhas cordiais felicitações. O testemunho de estima, a ele tributada pela atribuição deste prémio, o conforto pelo esforço realizado e o ajude a continuar a investigação, na qual já alcançou resultados tão significativos. A paixão pela teologia, que sustentou o seu empenhamento na reflexão sobre a obra dos Padres, dos teólogos e dos místicos, obteve hoje um importante reconhecimento. Ele pôs os seus vastos conhecimentos ao serviço de um “intellectus fidei”, que fosse capaz de mostrar ao homem contemporâneo o esplendor da verdade que emana de Jesus Cristo. A cerimónia hodierna pretende ser disso um testemunho e exprimir-lhe o nosso reconhecimento.

Uma outra palavra de aplauso exprimo pela decisão do Instituto em atribuir pela primeira vez o prémio no âmbito da ciência teológica. Se há uma ciência que contribui “para o desenvolvimento e investigação do conhecimento religioso” (Regulamento do Prémio “Paulo VI”, art.1), ela é essencialmente a Teologia. Portanto, a escolha foi feliz e merece ser acompanhada de algumas reflexões, ditadas pela própria fisionomia de “serviço” prestado por esta disciplina.

**3.** Antes de mais, a Teologia é um serviço para a verdade. Participa do fim para o qual se orienta toda a investigação científica. Tal fim é o conhecimento da verdade. Para alcançar o objectivo, o teólogo, como qualquer pessoa dedicada à ciência, deve considerar a verdade como o bem mais precioso do intelecto.

Deve procurá-la com paciência, rigor, e com uma longa e generosa dedicação. Deve ser honesto nos confrontos com ela. Sobretudo, deve amá-la. Se a amar, deve procurá-la com desejo, para que a alcance com alegria. O “gaudium de veritate”, de que fala Santo Agostinho, e a que Paulo VI tantas vezes aludiu como o termo último do nosso pensamento, constituirá o prémio da nossa fadiga.

Amar a verdade significa não servir-se dela, mas servi-la; procurá-la por si mesma, não vergá-la segundo a sua própria utilidade e conveniência. Quanto mais o cientista, e do mesmo modo o teólogo, se deve guiar por princípios semelhantes, tanto mais é impelido pela convicção de que também o menor fragmento da verdade é sempre um reflexo, melhor, uma participação, na única verdade absoluta, que é Deus. “Est enim una sapientia”, escreve São Tomás no comentário ao Evangelho de São João, “quae per suam essentiam est veritas, scilicet ipsum esse divinum qua veritate omnia vera sunt vera” (S. Tomás, *In Evangelium Ioannis*, lect. 1, n. 33). O amor pela verdade é, pelo menos implicitamente, amor por Deus, e o amor a Deus gera o amor à verdade.

**4.** A Teologia é, todavia, um serviço prestado à *Verdade revelada*. Tal não impede e nem sequer compromete a cientificidade da pesquisa; mas orienta-a de modo original e confere-lhe um valor que as outras ciências não possuem. A verdade estudada pelo teólogo não é fruto de uma conquista, mas o dom que Deus, no seu imperscrutável e maravilhoso desígnio de amor, fez aos homens, manifestando-se Ele próprio mediante a santa humanidade de Jesus Cristo, que é o mediador e a plenitude de toda a revelação. “Falamos sim de uma sabedoria, mas de uma sabedoria que não é deste mundo, nem dos dominadores deste mundo que serão reduzidos a nada; falamos de uma sabedoria divina, misteriosa, que ficou escondida, e que Deus preordenou antes dos séculos para nossa glória” (1 Cor 2, 6-7).

A verdade, que a Teologia serve, não é, portanto, simplesmente um sistema conceptual construído no respeito de regras lógicas. Nem sequer se reduz a uma série de factos empiricamente verificáveis. É primariamente Deus mesmo, que em Jesus Cristo, por meio do Espírito Santo se dá a conhecer ao homem.

O serviço que a Teologia deve prestar à verdade revelada é a contínua exploração dela própria. O objectivo consiste em descobrir-lhe e exprimir-lhe, até onde seja possível, todos os aspectos, a harmonia, a unidade, a beleza. Essa exploração jamais terminará, porque a verdade de Deus é infinita e porque a inteligência humana não pode aproximar-se dela senão por graus sucessivos.

Tal serviço é realizado, principalmente, mediante o respeito e a fidelidade que o teólogo deve nutrir pela Verdade revelada. Nenhum resultado, mas também nenhuma hipótese jamais deverá contradizer “as palavras de Deus” proferidas por aquele “que Deus enviou” (cf. *Gv. 3, 34*) (*Dei Verbum*, 4). Nenhum dos meios, a que o teólogo recorre para a investigação, e nenhuma revisão da estrutura epistemológica da Teologia são aceitáveis, se não respeitam plenamente a verdade divina. Nenhuma interpretação jamais deverá esquecer a dimensão sobrenatural e transcendente da Verdade revelada.

Por conseguinte, o serviço prestado à Verdade revelada postula sempre um grande sentido do mistério, que acompanha a autêntica pesquisa teológica. Isso impede que a Verdade revelada seja reduzida a termos racionalistas ou

deformada ao nível de uma ideologia. Ao invés, isso preserva a vitalidade da consciência da infinita distância entre Deus e os homens, e, conseqüentemente, da infinitamente misericordiosa condescendência que Deus teve por nós quando, na plenitude do tempo (cf. *Gal.* 4,4), o Verbo se fez carne e habitou entre nós (cf. *Gv.* 1, 49). Por este motivo, o teólogo não pode deixar de se extasiar perante as maravilhas de Deus, e sentir-se impelido pelo próprio empenho na investigação a dobrar os joelhos no diálogo da oração e a intensificar a sua vida de Fé. Como bem escreveu o Professor Hans Urs von Balthasar (*Cordula*, p. 108), na oração que se ouve e na fé que se abre à contemplação “se desvela o que Cristo, nossa fonte, diz e quer”. Radica aqui aquela “indivisibilidade entre teologia e espiritualidade”, à qual ele se referiu há pouco.

5. A teologia é, pois, uma serviço prestado à Igreja. “Coluna e apoio da verdade” (*1 Tm* 3, 15), a Igreja constitui o sedimento da palavra de Deus “da qual derivam os princípios basilares para a ordem moral e religiosa” (*Gaudium et Spes*, 33). Guiada incessantemente pelo Espírito Santo para o conhecimento de toda a verdade (cf. *Gv* 16, 13), foi à Igreja que Cristo confiou a missão de ser “mãe e mestra”.

A Teologia está ao serviço da missão da Igreja. Assim, não pode ser entendida como o livre exercício de uma profissão qualquer; ela é, na verdade, uma colaboração qualificada face à missão profética de que a Igreja, por vontade de Deus, é responsável. A vocação do teólogo é uma vocação da Igreja.

Tal confere à Teologia uma tríplice e fundamental dimensão. Uma no passado: é a relação intrínseca com a tradição, isto é, com aquela compreensão da verdade revelada que, sugerida pelo Espírito Santo, foi crescendo na história da Igreja “que crê e que reza” (*Dei Verbum*, 8).

Uma segunda no presente: é a ligação essencial que a Teologia deve manter com a fé viva da Igreja, hoje, para a sustentar e ajudar, mas, antes de mais ainda, para lhe servir de ponto de referência, início e termo de um contínuo confronto.

Uma terceira dimensão visa o homem considerado na objectividade da sua experiência. Para que a verdade revelada lhe seja anunciada na plenitude da sua perturbante novidade, mas também de modo eficiente, faz com que a Teologia mantenha aberto um diálogo construtivo, se bem que crítico, com a cultura contemporânea.

6. A Teologia é, por último, um serviço prestado ao Magistério. Na Igreja, a missão de preservar a Verdade revelada, de interpretá-la de modo autêntico, de ensiná-la a todos, foi confiada, por vontade de Deus, ao Pontífice romano e aos bispos em comunhão com ele e sob a sua orientação. Assim ensinou o Concílio Vaticano II, precisando de modo admirável o círculo vital que une a

Sagrada Escritura, a tradição e o magistério. A Teologia presta um serviço àqueles que, em nome e por autoridade de Jesus Cristo, são “doutores autênticos”, e “arautos da fé” (*Lumen Gentium*, 25). Se bem que não sejam da mesma ordem, o serviço do magistério e o serviço dos teólogos são complementares e o magistério precisa dos teólogos.

A relação correcta entre magistério e Teologia representa um factor decisivo para a vida da Igreja e para o testemunho que todos os crentes em Cristo são chamados a dar no mundo. Graças a essa relação correcta, de facto, é possível evitar dispersões e incertezas que perturbam gravemente a consciência dos crentes, tornando-os inseguros sobre tudo o que há de mais precioso: aquela verdade pela qual é preciso também estar pronto a morrer.

A Teologia ajuda o magistério quando o segue, quando o acompanha, mas também quando o precede na busca de novos horizontes e de novos caminhos. É sobretudo neste último caso que o teólogo, abordando novas questões e perigos imprevisos, deve preocupar-se em unir estreitamente no seu coração quer a filial devoção do discípulo, quer o desejo de conhecer cada vez melhor e penetrar cada vez mais profundamente na compreensão do mistério revelado, transmitido pela tradição viva da Igreja.

Isso será possível se a teologia desenvolver a sua função como um grande acto de amor a Deus, à Igreja, a quem na Igreja tem o dever de ser mestre, ao homem. É também ao incremento de tal amor que o prémio internacional “Paulo VI”, hoje atribuído pela primeira vez precisamente a um teólogo, dá um contributo significativo.

7. Caríssimos irmãos e irmãs, em termos de conclusão deste nosso encontro, como que a testemunhar a vizinhança espiritual face ao meu inesquecível antecessor, em cujo nome o prémio é atribuído, desejo evocar a sua palavra, retirada das obras da pessoa que hoje é galardoada. Paulo VI, sublinhando para a Igreja a urgência dos novos tempos de uma fidelidade acrescida à palavra de Deus, que todos julga sem ser julgada por ninguém, recordou de Urs von Balthasar estas afirmações graves e proféticas: “As faltas dos cristãos, mesmo daqueles que têm a missão de pregar, para a Igreja, jamais constituirão um motivo para atenuar o carácter absoluto da palavra. O fio cortante da espada jamais poderá ser embotado. Ela, a Igreja, jamais poderá falar de modo diverso da santidade, da castidade, da pobreza e da obediência, em relação a Cristo” (*Pauli VI, Quinque Iam Anni: Ensinamentos de Paulo VI, VIII* [1970] 1422).

Com esta certeza, e nesta perspectiva, exprimo a todos os teólogos empenhados na investigação ao serviço da palavra de Deus o meu encorajamento, a minha estima, a minha esperança. Hoje, mais do que nunca, na realidade, a investigação teológica, conduzida com agudeza de engenho e severidade de pesquisa, apresenta-se como um inestimável auxílio para que na Igreja e no mundo contemporâneo ressoe inteira e viva a voz do Evangelho.

Desejo-o do coração, ao renovar a minha alegria e os meus parabéns ao professor Urs von Balthasar, que dedicou toda a sua vida à investigação teológica, como contemplação amorosa de Deus e serviço prestado à Igreja.

Com estes sentimentos sobre todos vós invoco a benção do Senhor.

MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI  
AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO INTERNACIONAL  
NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO  
DO TEÓLOGO HANS URS VON BALTHASAR

*Senhores Cardeais*

*Venerados Irmãos no Episcopado e no Sacerdócio*

*Ilustres Senhores e Senhoras!*

É com particular prazer que me uno espiritualmente a vós na celebração do centenário do nascimento de Hans Urs von Balthasar, o insigne teólogo suíço que tive a alegria de conhecer e de frequentar. Considero que a sua reflexão teológica mantenha intacta até hoje uma profunda actualidade e provoque ainda muitos a penetrar cada vez mais na profunda actualidade do mistério da fé, orientados por uma guia tão autorizada. Uma ocasião como esta poderia ser tentação fácil de voltar às recordações pessoais, com base na sincera amizade que nos ligava, e nos numerosos trabalhos que empreendemos juntos, enfrentando os numerosos desafios daqueles anos. A fundação da revista *Communio*, após o Concílio Vaticano II, permanece o sinal mais evidente do nosso compromisso comum na busca teológica. Todavia, não pretendo referir-me às recordações mas, antes, à riqueza da teologia de von Balthasar.

Ele fizera do mistério da Encarnação o objecto privilegiado do seu estudo, vendo no *triduum paschale* (como tituló significativamente um dos seus escritos) a forma mais expressiva desta penetração de Deus na história do homem. Na morte e na ressurreição de Jesus, de facto, é realçado em plenitude o mistério do amor trinitário de Deus. A realidade da fé encontra aqui a sua *beleza* insuperável. No *drama* do mistério pascal Deus vive plenamente o fazer-se homem, mas ao mesmo tempo torna significativo o agir do homem e confere conteúdo ao compromisso do cristão no mundo. Nisto von Balthasar via a *lógica* da revelação: Deus faz-se homem, para que o homem possa viver a comunhão de vida com Deus. Em Cristo é oferecida a verdade última e definitiva à pergunta de sentido que cada um faz. A estética teológica, a dramática e a lógica constituem a trilogia, onde estes conceitos encontram amplo espaço e aplicação